

# Sylvio Fraga canta o Nordeste e outras paisagens em disco

‘Canção da cabra’, com arranjos de Letieres Leite, cita João Cabral, Graciliano e Bandeira

[Leonardo Lichote / O Globo - oglobo.com](#)

25/09/2019



Sylvio Fraga Quinteto com Letieres Leite (à esquerda) Foto: Divulgação

RIO - O primeiro capítulo de “São Bernardo”, clássico de Graciliano Ramos. Uma imagem do poema “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira. A atmosfera de os “Sertões”, de Euclides da Cunha. A inspiração de João Cabral de Melo Neto e seus “Poema(s) da cabra”. A audição de “Canção da cabra” (Rocinante) — disco de Sylvio Fraga Quinteto e Letieres Leite que será lançado nesta quarta e quinta-feira na Audio Rebel, às 20h, sugere um passar de olhos pela prateleira da literatura brasileira que tematizou o Nordeste em meados do século XX.

Fraga, ele mesmo poeta, conta que o disco acabou sendo naturalmente influenciado pelos autores que ele estava lendo na época:

— O disco ficou muito nordestino. Além de todas essas referências, tem Antonio Candido falando como a ficção mostrou o Brasil para o Brasil pelos romances nordestinos. E tem os orixás da Bahia, o próprio Letieres é baiano. Mas também tem coisas que não tem nada a ver com isso.

O que “não tem nada a ver com isso” é a matéria da música de Fraga desde sua estreia em 2013, no disco “Rosto”. No caso de seu novo álbum, é o universo sonoro de Stravinsky, Muhal Richard Abrams (especialmente o disco “The hearinga suite”) e Thelonious Monk. Sobre tudo isso, o olhar de parceiros como Pedro Carneiro (Vovô Bebê) e Thiago Amud. E os arranjos de Letieres, maestro da Orkestra Rumpilezz (que lança seu novo disco pela gravadora de Sylvio, a Rocinante).

— Quando ouvi “A saga da travessia” (disco da Rumpilezz de 2016) , estava procurando arranjadores. Pensei: “Se não for ele não pode ser mais ninguém” — lembra Fraga. — Ele aceitou o convite e abraçou o disco de tal forma que acabou assinando comigo.

‘A canção irá em frente’

Apesar das referências densas e das conversas complexas entre elas, Fraga vê seu trabalho essencialmente como canção — por promoverem o encontro de palavra e música:

— Tem coisa mais maravilhosa? — pergunta Fraga. — Minha canção não se assemelha tanto a dos meus heróis. Mas que bom, por que em homenagem a eles devemos fazer algo que não seja copiá-los.

Fraga não acredita numa crise da canção, ou melhor, não lança sobre as crises um olhar apocalíptico:

— Podem e devem existir crises, mas a canção irá em frente, no tempo em que vive e levando seus heróis consigo, dentro do peito. Confesso que vivo um pouco alheio a essa discussão, às nomenclaturas acopladas à palavra canção. Gosto é de ficar no meu canto com a argamassa nas mãos, com a madeira, talhando, quero sumir sob as aparas.